

ATIVIDADES LÚDICAS PARA CRIANÇAS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS

PLAY ACTIVITIES FOR CHILDREN WITH SPECIAL EDUCATIONAL NEEDS



ADRIANA CLEONICE DE ALMEIDA

Graduada em Pedagogia pela Universidade Santa Anna (2016); Pós graduação em Docência do Ensino Superior pela Faculdade São Luiz (2017) em Educação Especial e Inclusiva; Neuropsicopedagogia(2021); Psicomotricidade(2022); Professora de Educação Especial – Prefeitura de São Paulo.

RESUMO

Este artigo tem como tema as atividades lúdicas para crianças com necessidades educativas especiais. Seguindo a linha de pesquisa “Docência na Educação Infantil”. O lúdico é de fundamental importância para o desenvolvimento infantil na medida em que a criança pode transformar e produzir novos significados. Nas situações em que a criança é estimulada, é possível observar que rompe com a relação de subordinação ao objeto, atribuindo-lhe um novo significado, o que expressa seu caráter ativo, no curso de seu próprio desenvolvimento. Seguindo esse pensamento, o presente artigo ensino tem o objetivo de dispor as atividades lúdicas, como estratégia para aprendizagem e socialização de alunos com necessidades educativas especiais dentro do ambiente escolar. Cabe a educação capacitar essas crianças de toda e qualquer bagagem, que possa inseri-lo, verdadeiramente em uma sociedade, rompendo paradigmas desta nova situação que se apresenta.

Palavras-chave: Lúdico; Inclusão; Desenvolvimento; Aprendizado.

PLAY ACTIVITIES FOR CHILDREN WITH SPECIAL EDUCATIONAL NEEDS

SUMMARY

This article focuses on recreational activities for children with special educational needs. Following the line of research "Teaching in Early Childhood Education". Playfulness is of fundamental importance for child development as the child can transform and produce new meanings. In situations where a child is stimulated, it is possible to observe that they break the relationship of subordination to the object, giving it a new meaning, which expresses their active character, in the course of their own development. Following this thought, this teaching article aims to develop playful activities as a strategy for learning and socializing students with special educational needs within the school environment. It is up to education to provide these children with any and all accommodations that can truly insert them into society, breaking the paradigms of this new situation.

Keywords: Playful; Inclusion; Development; Apprenticeship.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como tema e linha de pesquisa a docência na Educação Infantil, com enfoque na importância do lúdico na escola para as crianças com necessidades educacionais especiais. Esses alunos podem ser beneficiados com a adaptação das atividades lúdicas, de acordo com as necessidades especiais relativas às particularidades em seu processo de desenvolvimento e aprendizagem.

O estudo do tema se justifica pela frequente discussão sobre a importância do lúdico para a aprendizagem das crianças. O objetivo é pesquisar como podem ser introduzidos na prática pedagógica junto às crianças com necessidades educacionais especiais, materiais lúdicos de forma a auxiliar a criança, na construção, de seu próprio desenvolvimento, com auxílio da família.

Grande parte das crianças com necessidades educacionais especiais não possui acesso à rede regular de ensino, seja por não aceitação da escola, ou por falta de estrutura escolar para receber a criança, ou adolescente ou o jovem. Dessa forma é preciso desenvolver projetos como esse nas escolas contribuindo na aplicação de didáticas que trabalhem com a capacidade do aluno especial em utilizar o lúdico como forma de aprender e compreender o mundo que o cerca.

Propõe-se trabalhos com conteúdos no intuito de trabalhar os aspectos emocionais, rever limites, desenvolver autonomia, aprimorar a coordenação motora, aumentar a concentração, a atenção e o raciocínio e desenvolver a criatividade.

O objetivo deste artigo é destacar as atividades lúdicas, como estratégia para aprendizagem e socialização de alunos com necessidades educacionais especiais dentro do ambiente escolar.

Para o desenvolvimento do projeto pretende-se trabalhar com a ludicidade a fim de promover a socialização. Em seguida, deverão ser trabalhados jogos e brincadeiras artísticos, expressivos, sensitivos, recreativos e desportivos.

A avaliação será feita observando a participação, envolvimento, desenvolvimento das crianças durante as atividades lúdicas. Respeito a todas as diferenças e limitações, será observada e registrada também a socialização e interação e habilidades aprendidas.

O trabalho com jogos e brincadeiras, como atividades lúdicas, no ambiente de uma escola inclusiva, com a interatividade e a ludicidade, é de fundamental importância para a abstração, pois essas atividades aguçam a capacidade cognitiva dos alunos, desenvolvendo habilidades comunicativas, aumenta a autoestima, além de propiciar relações interpessoais. Buscam também, aproximar os alunos especiais para o universo acadêmico como incentivo a uma educação de qualidade.

A ludicidade é essencial ao ser humano e ao seu desenvolvimento - O lúdico como um recurso didático, está além de ser apenas jogos e brincadeiras, de propor divertimento, suas características são bem mais acentuadas como: desenvolver habilidades motoras e intelectuais, fixar conteúdos de forma prazerosa e envolvente, permitindo assim ao educando construir sua aprendizagem, visto que é um modo de expressar-se, pois se pode fazer um paralelo entre os jogos e as brincadeiras com as situações do cotidiano. Essas ferramentas lúdicas muitas vezes exercem papel fundamental no processo de ensino – aprendizagem, uma vez que sua utilização em sala de aula mostra-se mais eficiente do que os meios tradicionais de ensino.

O USO DE JOGOS E BRINCADEIRAS

Bessa (2008) analisa a importância de se colocar a brincadeira no dia a dia da escola regular e principalmente no cotidiano de crianças portadoras de necessidades educativas especiais. É interessante que as crianças portadoras de necessidades educativas especiais sejam colocadas em um ambiente o mais normal possível, onde não haja nenhum tipo de estratificação, ainda que este seja justificado, e sim que ela se sinta incluída.

O brincar representa um fator de grande importância na socialização da criança, pois é brincando que o ser humano se torna apto a viver numa ordem social e num mundo culturalmente simbólico. Brincar exige concentração durante um grande intervalo de tempo. Desenvolve iniciativa, imaginação e interesse. Basicamente, é o mais completo dos processos educativos, pois influencia o intelecto, a parte emocional e o corpo da criança. (SANTOS, 2008, p. 80)

O fato de se trabalhar a brincadeira como estímulo junto à criança especial pode ser um referencial enriquecedor - Segundo Lorenzini (2002). Esta postura é interessante, uma vez que, através de estímulos de situações diferenciadas é que a criança, principalmente a especial, vai se sentir motivada a desenvolver, a se envolver e automaticamente a aprender, dentro de seu próprio ritmo, diante de sua própria capacidade e em harmonia consigo mesma.

Para Antunes (1998), os jogos bem organizados permitem à criança novas descobertas, desenvolver e enriquecer sua personalidade e é jogando que se aprende a extrair da vida o que ela tem de essencial. Então os jogos na Educação Infantil não servem apenas para divertimento mas também para que a criança se torne um adulto criativo, com boa coordenação motora que saiba respeitar regras e relacionar-se com o mundo, entre outras finalidades. É importante também lembrar que o jogo na faixa etária de Educação Infantil é fonte de alegria e prazer e que o verdadeiro jogo possibilita

a superação das dificuldades que as crianças encontram.

Em Lima e Vieira (2006), o trabalho realizado com jogos com crianças portadoras de necessidades educacionais de forma recreativa possibilita a criança evoluir, crescendo e aprimorando suas capacidades, superando dificuldades, conquistando novos espaços, conseguindo enfrentar novos desafios motores, cognitivos e afetivos.

O jogo facilita a apreensão da realidade e é muito mais processo do que produto. Por meio dele, a criança percebe como se dá a relação humana, explora, desenvolve noções sobre o número físico, estabelecendo novas cadeias de significado e amplia suas percepções do real. Por ser essencialmente dinâmico, o jogo permite comportamentos espontâneos e improvisados, uma vez que os padrões de desempenho e as normas podem ser criados pelos participantes. Há liberdade para tomada de decisões, e a direção que o jogo assume é determinada pelas crianças considerando o grupo e o contexto. (BESSA, 2008, p.54).

A partir desta construção percebe-se, que a inclusão do aluno com necessidades especiais no âmbito escolar, tem também o intuito de uma inclusão social do mesmo em um novo tipo de sociedade, que se adapta às transformações pequenas e grandes, nos ambientes físicos e na mentalidade das pessoas.

Os jogos favorecem a aprendizagem do aluno ao acionar mecanismos de atenção que lhe possibilitam executar tarefas de forma satisfatória e adequada. É uma atividade que propicia prazer, motiva, ajuda a desenvolver a concentração e permite assimilar a cultura, além de criar possibilidades de transformação. Na escola, os jogos podem servir de ferramenta educacional. Ao utilizá-los, o professor deve ter uma postura problematizada, explorando contradições e desafiando a inteligência do aluno, contribuindo, assim, para a construção de conhecimentos e a formação da cidadania (AGUIAR, 2004, p. 96).

Embora defenda o uso de brinquedos, jogos e materiais pedagógicos em sala de aula, como possíveis motivadores de aprendizagem, Mrech (2001) salienta que o uso dos mesmos deve ser analisado no contexto em que estão inseridos. Segundo ela, os objetos utilizados não possuem uma existência neutra. Eles refletem o próprio processo interior do aluno e do professor. Se o professor não souber, em algum momento, trabalhar de maneira profunda com o material disponibilizado, os alunos perceberão sua postura insegura. E com isto ele acabará expondo de forma direta ou indireta aos alunos os seus próprios fantasmas.

O PAPEL DA FAMÍLIA

Parceria fundamental que jamais pode ser desconsiderada nessa discussão é o apoio familiar, sejam quais forem os entes envolvidos.

Esta é uma parceria necessária e indispensável para a eficácia do trabalho pedagógico, pois o conhecimento adquirido no seio familiar complementa-se com a formação proporcionada pela escola. Atingir esse objetivo é um desafio diante das dificuldades e transformações socioculturais que estas duas instituições de ensino vivenciam com o passar do tempo. A família precisa se conscientizar da participação na educação das crianças assim como a escola necessita rever as práticas de ensino.

É importante discutir sobre estratégias que reforcem a aproximação da família ao aluno.

É indiscutível que a escola aproximada das famílias melhoram os indicadores educacionais. Segundo Vygotsky a educação recebida, na escola, e na sociedade de um modo geral cumpre um papel primordial na constituição dos sujeitos, a atitude dos pais e suas práticas de criação e educação são aspectos que interferem no desenvolvimento individual e conseqüentemente o comportamento da criança na escola. (1998, p.87).

O PAPEL DA FAMÍLIA EM PARCERIA COM A ESCOLA NA FORMAÇÃO EDUCACIONAL DA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA

Tendo em vista que a família dos alunos com deficiência muitas vezes não estabelece limites necessários para a promoção da aprendizagem. Essa permissividade dos pais dificulta uma maior cobrança a alguns alunos da educação especial, não lhes sendo exigido um maior esforço reflexivo. A superproteção pode-se manifestar de diversas maneiras e uma delas é impedir o crescimento do outro. Os pais ao superproteger podem impedir mesmo sem saber o desenvolvimento intelectual e a autonomia do seu filho. É preciso que haja favorecimento da família estabelecendo limites e cobranças para um mínimo de cumprimento das tarefas escolares. É dever de toda comunidade escolar promover uma educação de qualidade à pessoa com deficiência.

Segundo Paro (2000) é de suma importância a contribuição efetiva dos pais junto aos filhos de forma qualitativa, na educação especial não é diferente, pois é em casa junto à família que a criança recebe e engloba o desenvolvimento de estímulos para estudar, pelo gosto em aprender coisas novas.

Um aspecto importante a considerar quando se procura averiguar a presença da participação em casa com vistas a um melhor desempenho dos filhos é o conceito que se tem dessa participação ou “ajuda”. (...) à ajuda dos pais em casa estão querendo se referir desde a um carinho ou afeto que pode parecer, em princípio, não relacionado com a vida escolar do aluno, até uma intervenção mais ostensiva, ajudando nas lições de casa. (PARO., 2000, p.38-39).

Os pais da educação especial precisam se conscientizar que o mínimo precisa ser feito por eles, mesmo com todas as dificuldades é imprescindível o seu auxílio na aprendizagem dos alunos, seja impondo limites, criando regras, colocando afirmações positivas a respeito do ambiente escolar em questão nas discussões em casa, reforçando a autoestima da criança dizendo que são capazes e o que esperam delas levando-as a perceber a real importância da aprendizagem e do conhecimento.

A posição da maioria do pessoal da escola a respeito da viabilidade ou não de os pais ajudarem em casa pode parecer, à primeira vista, contraditória, já que, ao mesmo tempo em que acreditam na impossibilidade da ajuda, em vistas das condições de vida dos pais, reclamam da ausência dessa ajuda. Mas o fato é que, se reconhecem as dificuldades advindas de suas condições materiais de existência, consideram que há um mínimo a ser feito que independe dessas condições. (PARO., 2000, p.48).

A função da escola é ensinar e a participação dos pais junto a seus filhos na escola com vistas a um melhor desempenho escolar, às vezes levanta questionamentos arbitrários do que pode ser feito pelos pais em uma relação fundamentada na continuidade do trabalho de ambas as partes. É preciso integrar a parceria entre pais e escola em uma concepção bem elaborada e definida, pois a família é crucial para desenvolver hábitos de estudos onde a criança precisa ser motivada com estímulos que

a fazem quererem aprender, ir à escola e ter um bom desempenho, além da necessidade de um reforço na auto-estima do aluno.

Principalmente na educação especial é importante não apenas solicitar a ajuda dos pais, mas também orientá-los de como realizar a parceria sem compartimentalizar as ações, ao contrário, compactar ações de forma unânime usando uma mesma linguagem. A natureza da educação é uma atividade social que configura a relação família/escola.

Na verdade, a disponibilidade de boas condições para o estudo nas casas das camadas mais pobres da população parece ser heterogênea, havendo desde situações de extrema precariedade até situações em que os pais põem à disposição de seus filhos boas condições de trabalho. Dada à situação de vida dessas populações, é mais provável, entretanto, que predominem os casos em que faltam condições adequadas de estudo. Assim, a precariedade dos recursos e dos espaços para o estudo no interior dos lares não deixa de ser uma realidade que dificulta os trabalhos estudantis das crianças e jovens. (PARO., 2000, p.48).

É unânime entre professores a opinião de que um mínimo, precisa ser feito pelos pais para auxiliarem na solução dos problemas de aprendizagem apresentados pelos alunos. A escola exerce diversas funções com relação a preparar seu aluno para a sociedade, seja para o mercado de trabalho, seja para o exercício da cidadania, para o acesso e busca pela informação e conhecimento ou até mesmo para retirar a criança da rua no momento em que os pais estão trabalhando.

O ser humano precisa ser educado por seus pais para viver em sociedade e é através das informações e limites impostos pelos pais que a criança chega à fase adulta com certa polidez para conviver com os demais e saber se sobressair dessa ou daquela situação.

Não é uma tarefa fácil e muito menos existe um manual pronto a ser seguido. É preciso que os pais entendam que seus filhos possuem características próprias e poderão ter reações adversas que vão depender do meio ao qual está inserido e das relações que estabelecem.

A deficiência mental considerando que é uma condição ao qual o indivíduo precisa se adaptar, o mesmo não pode se considerar inferior ou protegido por essa condição, ao contrário, a criança mesmo deficiente precisa entender que precisa ser amigável, saber conviver com os colegas, a respeitar os educadores e as normas e disciplinas da escola.

A criança com deficiência mental não pode ser tida como coitadinha, pois isso além de deixá-la aquém de sua condição humana pode muitas vezes fazer com que se sinta no direito de “vantagem” com relação aos demais se recusando a realizar as tarefas, querendo brincar durante todo o período que permanece na escola. Não é torná-los submissos e sim ensiná-los a estabelecer relações dos contextos, interpessoais e do meio estrutural, dos tempos entre outros.

A sociedade brasileira ainda engatinha no que se refere à inclusão. Devido à falta de informação e ao preconceito, todos os indivíduos passam por dificuldades. O deficiente sente-se excluído porque o tratam como incapaz. Os pais, por sua vez, infantilizam ou superprotegem os filhos. E o professor que recebe um aluno com esse histórico teme fracassar na tentativa de integrá-lo à sociedade, principalmente se não tiver orientação sistematizada. (CAVALCANTE, 2004, p.32)

Se os pais encaram essa criança como um ser extremamente frágil, instigam a crença de que não podem enfrentar situações mais difíceis, procuram protegê-la ou poupá-la excessivamente dos infortúnios da vida, estarão propiciando a formação de um ser alienado da realidade em que está inserido o que pode gerar insegurança, medo e instabilidade. O papel da escola e da família é educar para a autonomia. É preciso que haja a cultura do respeito mútuo para que aconteça o

reconhecimento da autoridade dos pais e da escola.

Segundo Rodrigues (2003) “Aquilo que difere o autoritarismo do comportamento de autoridade, adotado pelos pais ou professores para que filhos ou alunos tornem-se mais educados e disciplinados, é o respeito que eles demonstram pela autoestima da criança ou do adolescente”.

Uma criança sem os limites construídos pelos pais é emocionalmente frágil, com baixa autoestima que não pode ser contrariada pelo não, e quando isso acontece se vitimiza. Não consegue enfrentar situações difíceis tendo dificuldade em se relacionar com as outras pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode ser percebido no decorrer da leitura, que a necessidade de acompanhamento diferenciado por parte de alguns alunos já estava sendo previsto. Mesmo quando a escola recebia apenas as crianças classificadas como “normais”, já havia, dentro deste parâmetro de normalidade, a necessidade de perceber cada criança em si, dentro do coletivo, mas analisada de forma individual. E desta forma, também de forma individual, auxiliar a mesma em relação ao processo de aquisição de seu próprio conhecimento.

Com o advento da inclusão as diferenças se tornaram mais acentuadas fazendo com que se tornasse necessário realmente proporcionar um acompanhamento mais detalhado por parte do professor em relação a alguns alunos, no sentido de melhor atender às suas necessidades.

A ludicidade, a brincadeira colocada junto à prática pedagógica, dentro de um projeto de trabalho uniforme e coerente, pode influenciar de forma quantitativa e qualitativa o processo de aquisição do conhecimento por parte destes alunos. Através da leitura dos textos referenciais, pôde ser percebido que muitos autores analisaram a importância do ato de brincar como parte importante no processo do desenvolvimento de toda criança.

Todos autores de uma forma geral, advogaram a influência da ludicidade, do confronto, do entrelaçamento de relações que o brincar proporciona para as crianças. Pode ser percebido que, brincando, a criança constrói pontes, significados entre o real e o imaginário de forma a reescrever seu aprendizado. É um momento único imensurável mesmo que seja o ato de brincar pelo simples prazer de brincar.

Para as crianças é necessário brincar e ser feliz na escola. Brincar e ser feliz em casa. E se for uma atividade orientada, o professor, o educador, junto à criança de inclusão poderá antever ali possibilidades de intervenção pedagógica que contribuirão de forma satisfatória para o desenvolvimento desta. Os recursos didáticos pedagógicos, o próprio material didático como os antigos blocos lógicos, o material dourado, e mesmo brinquedos pedagógicos em si, como figuras geométricas tridimensionais, bem como outros objetos que podem ser redimensionados têm muito a contribuir. Sem falar no brinquedo em si que a criança pode trazer de sua casa como a boneca, o carrinho, o patinho de borracha, o chocalho e uma infinidade de brinquedos oficiais ou não que nas mãos das crianças se recriam, se diversificam.

Ficou claro, pelas leituras realizadas, que o mais importante é tirar a noção de obrigatoriedade do processo de aquisição do saber. Aquilo que passa pelo afetivo é assimilado com maior facilidade. E

todas as crianças precisam sentir-se bem na escola, principalmente a criança portadora de necessidades educativas especiais. A sociedade deve isto a elas. Uma escola eficiente, democrática, justa e divertida, para que sua infância e conseqüente fase adulta sejam plenas.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, João Serapião de. **Educação inclusiva: jogos para o ensino de conceitos**. Campinas:

Papirus, 2004 ALVES, Rubem. **Educação dos sentidos e mais**. São Paulo: Papirus, 2004.

ANTUNES, Celso. **Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências**. Petrópolis, RJ: Vozes,

1998. BESSA, Valéria da Hora. **Teorias da Aprendizagem**. Curitiba: IESDE, 2008

CAVALCANTE, Meire. **Aparências diferentes?** Talentos também. Rev. Nova Escola. Editora. São Paulo: Abril. Jun./Jul. 2004.

FRAZZON, Lúcia M. O processo educativo e o desenvolvimento integral da personalidade do educando.

Comunicações, Joaçaba, v. 8, n. 1, p. 116-125, jun. 2001.

FREIRE, João Batista. **Educação de Corpo Inteiro: teoria e prática da educação física**. 4.ed. São Paulo: Scipione, 2002.

FRIEDMANN, Adriana. **Brincar, crescer e aprender: o resgate do jogo infantil**. São Paulo: Moderna, 1992. 128 p.

LIMA, Priscila Augusta; VIEIRA, Terezinha. **Educação Inclusiva e Igualdade social**. São Paulo: Avercamp, 2006.

LORENZINI, M. V. **Brincando a brincadeira com a criança deficiente: Novos rumos terapêuticos**. São Paulo: Manole, 2002.

MALUF, Ângela C.M. **Brincar: prazer e aprendizado**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

MRECH, Leny Magalhães O Uso de Brinquedos e Jogos na Intervenção Psicopedagógica de Crianças com Necessidades Educativas Especiais. **Net**. São Paulo, jan. 2001. Educação on-line. Disponível em:

<http://www.educacaoonline.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=170:o-uso-de-brinquedos

-e-jogos-na-intervencao-psicopedagogica-de-criancas-com-necessidades-especiais&catid=10:psicopedagogia&Itemid=21> Acesso jul. 2017.

PARO, Vitor Henrique. **Qualidade do ensino: a contribuição dos pais**. São Paulo: Xamã, 2000. 126p.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação da excelência à regulação das aprendizagens: entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Educação e limites: os (des) caminhos da família e da escola.** GO: FE/UFG. 2003

SÁ, Virgínio. **A participação dos pais na escola pública portuguesa: uma abordagem sociológica e organizacional.** Braga, Portugal: IEP-Universidade do Minho, 2004.

STAINBACK, Susan; STAINBACK, William. **Inclusão: um guia para educadores.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

VASQUES, Carla. & BAPTISTA, J. **Transtornos Globais do Desenvolvimento: Educação: um Discurso sobre Possibilidades,** 2008. Disponível em: <<http://www.rizoma.ufsc.br/html/343-of4-st2.htm>>. Acesso jul. 2017.

VYGOTSKY, Lev. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1998. WAJSKOP, Gisela.

Brincar na pré-escola. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

[https://www.sinprodf.org.br/alunos-de-educacao-especial-inclusao-ocorre-em-quantidade-e-e m-qualidade/](https://www.sinprodf.org.br/alunos-de-educacao-especial-inclusao-ocorre-em-quantidade-e-e-m-qualidade/) Acesso jul. 2017.